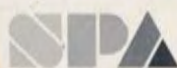


ANTÓNIO TORRADO



TEATRO
DO
lêncio

ÍCIOS DRAMÁTICOS EM 1 ACTO



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

821.134.3
TOR, A

ANTÓNIO TORRADO

TEATRO DO SILÊNCIO

5 exercícios dramáticos em
1 acto



94-03-03

Repertório da Sociedade Portuguesa de Autores
2ª Série

© António Torrado e S.P.A.

Tiragem: 1500 exemplares

Depósito Legal, N.º 7179

Capa e arranjo gráfico: César Veloso

Fotografia da contra-capas: Manuel Ricardo

Edição: S.P.A. — Avenida Duque de Loulé, 31 — Lisboa

Primeira Edição — Abril 1988

Composição e Impressão: IMPRESSE 4

Distribuição: CDL — Central Distribuidora Livreira

A BORRACHA

Peça em um acto para três actores e vídeo

CENA

Café de estudantes. Várias mesas, balcão ao fundo. Ao cimo aparelho de televisão fechado. Em cada mesa, um ou vários indivíduos de comportamento apagado. Ambiente sombrio e sonolento. Murmúrios de conversas, arrastar discreto de cadeiras. Criado atrás do balcão, mas escondido por jornal aberto.

Câmaras de T.V. e respectivos operadores de imagem circulando por entre as mesas. No ecran gigante ao fundo (e não no aparelho de televisão, que faz parte do cenário) vai projectar-se a imagem do monitor, que uma régie oculta seleccionou. No caso de um único operador, dispensa-se a régie.

PERSONAGENS

SENHOR FULANO: *Assume, pesadamente, os seus quarenta anos. Veste fato completo, incaracterístico, camisa e gravata.*

BELTRANO: *Jovem estudante, de ar anémico. Veste casaco ou blusão vulgar.*

CRIADO SICRANO: *Criado de café, um pouco desimportado no aspecto e nas atitudes. Idade indefinida. Mais corpulento do que Fulano e Beltrano.*

Eventualmente, figurantes sentados nas mesas do café, debruçados, ou em pequenos grupos ou isolados, sobre os seus respectivos livros de estudo. Alheios ao que se passa em volta, um a um, irão abandonando a cena, discretamente, antes de Beltrano se levantar da sua mesa, pela primeira vez. Os figurantes, que servem apenas para encorpar a cena, não são essenciais.

Nota: *Até à exaltação do senhor Fulano, os personagens desta peça limitam-se a murmurar. O que dizem ou não dizem é tão evidente que não precisa de ser audível.*

ACÇÃO

Para uma das mesas vazias dirige-se o Senhor Fulano. Traz uma pasta dobrada. Olha em volta e senta-se.

O Senhor Fulano tem um tique, uma breve convulsão dominada, que de um ombro se repercute ao pescoço, como se a gola do casaco ou o colarinho da camisa o incomodasse.

O Senhor Fulano senta-se melhor e coloca a cadeira em posição rigorosamente paralela ao tampo da mesa. Abre a pasta e tira os livros, cadernos e dossiers. Empilha-os na mesa. Onde deixar a pasta? Debruça-se e coloca a pasta na cadeira em frente, do outro lado da mesa. Pausa de reflexão.

Experimenta a solidez da mesa. Apercebe-se de que está um tanto desequilibrada. Tira de um dos bolsos do casaco um baralho de cartõezinhos e, com o rigor e a eficiência, que denunciavam longa prática nesta operação, afina o equilíbrio da mesa, calçando com um ou mais cartõezinhos os pés da mesa. Afere mais do que uma vez, assegura-se de que a mesa já não treme e guarda os restantes cartões no bolso do casaco. Senta-se melhor. Olha em volta. Arrasta a cadeira e levanta-se. Tira o casaco e coloca-o nas costas da cadeira em frente. Volta a sentar-se. Procura, entre os livros empilhados, um livro. Volta a empilhar os